

1-INTRODUÇÃO

DOENÇAS PARASITÁRIAS: Fungos, Bactérias, Vírus, Nematóides, etc.

DOENÇAS NÃO PARASITÁRIAS: Resulta das condições desfavoráveis ao plantio: temperaturas excessivamente elevada e baixa; umidade excessivamente elevada e baixa no solo; luminosidade excessivamente baixa ou elevada; acidez e alcalinidade excessiva do solo; deficiência e toxicidade mineral em plantas; fitotoxicidade; poluição do ar; competição de plantas e alelopatia; ventos; malformação anatômica; anormalidades genéticas; raio e chuva de granizo.

2-DESENVOLVIMENTO DA DOENÇA

Depende: →Agente causal ► Ciclo de vida dos fungos

- ► Ciclo de vida das bactérias
 - ► Ciclo de vida de vírus, etc
- **→**Ambiente
- → Hospedeiro
- →Homem

Sintomas – Sintomatologia - Etiologia

Sintomas Histológicos (Alteração na estrutura da célula)

Sintomas Histológicos : Necróticos (destruição) ou Plásticos (alteração quantitativa ou qualitativa da célula ou de seus componentes celulares)

Sintomas Morfológicos ou Externos

Sintomas Necróticos (degeneração e morte de células)

Sintomas Necróticos – plesionecróticos (antecedem a morte das células)

Sintomas Necróticos – holonecróticos (envolve a morte das células)

Sintomas Necróticos – plesionecróticos (antecedem a morte das células)

- a) Amarelecimento
- ы Anasarca
- _o Murcha

Sintomas Necróticos – holonecróticos (envolve morte das células)

- a) Crestamento
- b) Seca
- c) Die Back Morte dos ponteiros
- d) Risca
- e) Manchas
- _{f)} Podridão
- g) Cancro
- **Damping off Tombamento**
- i) Gomose
- _{i)} Resinose
- k) Mumificação
- **Perfuração**

Sintomas Plásticos - Hipoplásticos (sub-desenvolvimento da célula ou seus componentes) - Hiperplásticos (produção excessiva de células ou de seus componentes)

Sintomas Plásticos – Hipoplásticos

- a) Albinismo
- **b)** Clorose
- o Mosaico
- d) Enfezamento
- e) Roseta

Sintomas Plásticos – Hiperplásticos

- f) Arroxeamento
- _{g)} Virescência
- ы Galhas
- i) Enrolamento
- Sarna Verrugose
- k) Vassoura-de-bruxa

Sintomas ...

Sinais...

Quadro sintomatológico...

Etiologia

Ciclo de Vida – patogênese e saprogênese

PATOGÊNESE: pré-penetração → penetração ou ingresso → colonização

Transferência: Sementes, vento, homem, insetos, nematóides, chuva, água de irrigação, implementos agrícolas.

Penetração:

- a) Abertura naturais: estômatos, hidatódios, lenticelas
- b) Ferimentos
- c) Penetração Direta

Período latente de Infecção: é variável: depende do patôgeno; das cond. Do ambiente e do hospedeiro

Colonização: é variável

Tipos de desenvolvimento do patógeno no estádio de pós-penetração

a) Ectoparasítico : Ex Oídio

Endoparasítico: Ex: Antracnose

Sub-cuticular: Ex: Sarna da macieira

d) Endobiótico: Ex: Viroses

Sistêmico: Ex: Fusariose

SAPROGÊNESE: Não causa doença

Ciclo das Relações Patógeno – Hospedeiro

Inoculação →	Germinação	← Inoculação
С	\	С
i C	Penetração	i C
ተተተ 。	H D	o
Р	S	S
r	p Infecção e	е
i m	e ↓	c u
Disseminação r	e Colonização a	n d Disseminação
i o	i r	á r
↑	o Sintomas	i ↑
	\	0
Fonte de Inóculo	←-Reprodução do patógeno -→	Fonte de Inóculo

Reprodução do Patógeno

Fungos: Esporos – Assexuada e/ou Sexuada

Bactérias; Micoplasma= Phytoplasmas; Protozoários: Fissão

Virus; Viróides: Replicados pela célula do hospedeiro

Nematóides: Ovos

Sobrevivência: Plantas Perenes – podem sobreviver nelas durante o inverno ou verão ou em ambas as estações

EX: • Micélio em tecidos infectados. EX:Cancros

- Esporos na superfície infectada
- Fungos habitantes do solo (como saprófitas ou parasitas)
- ●Vírus, viróides, micoplasmas, certas bactérias e protozoários: tecidos de plantas vivas; alguns vírus em insetos vetores ou ferramentas
- Nematóides, ovos no solo; ovos ou larvas em raízes e restos culturais

Estruturas Fúngicas, bacterinas, viróticas

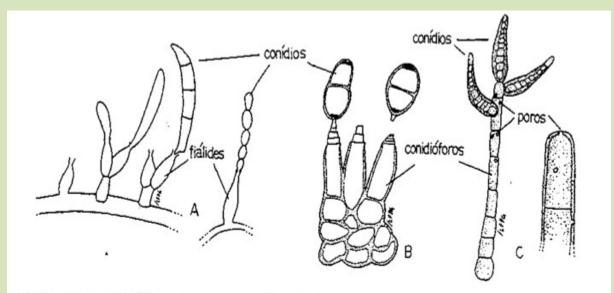
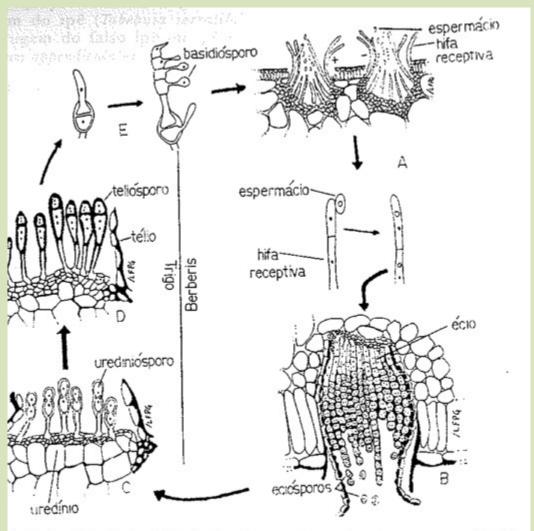


Figura 4.45 - Subdivisão Deuteromycotina. Conidiogênese do tipo blástico: (A) fialídico; (B) anelídico; (C) de *Helminthosporium*.



3 - Ordem Uredinales, Ciclo de *Puccinia graminis*: (A) fase 0 - espermogonial; (B) al; (C) fase II - uredinial; (D) fase III - telial; (E) fase IV - basidial.

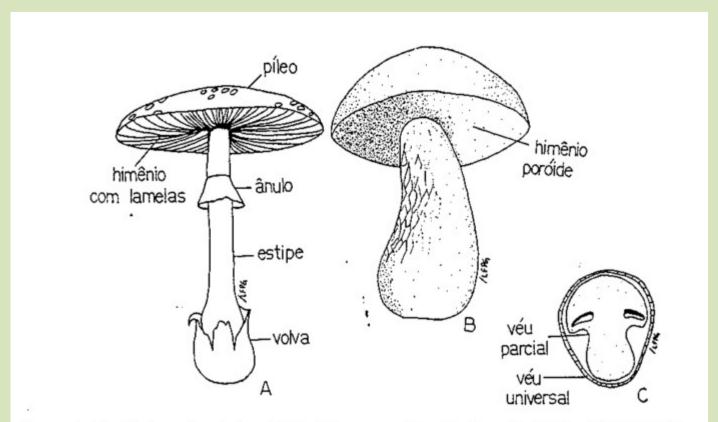


Figura 4.40 - Ordem Agaricales: (A) basidiocarpo típico de *Amanita*; (B) basidiocarpo de *Boletus*, com himênio poróide; (C) basidiocarpo com véus universal e parcial.

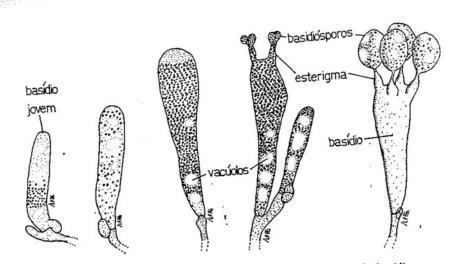


Figura 4.36 - Subdivisão Basidiomycotina: estágios de desenvolvimento do basídio e basidiósporos.

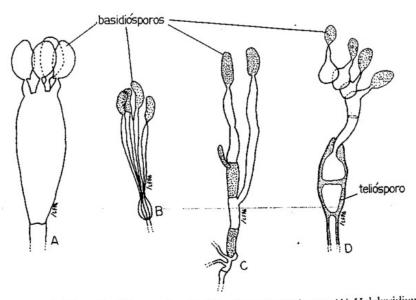


Figura 4.37 - Subdivisão Basidiomycotina. Basídios típicos das classes: (A) Holobasidiomycetes; (B-C) Phragmobasidiomycetes; (D) Teliomycetes.

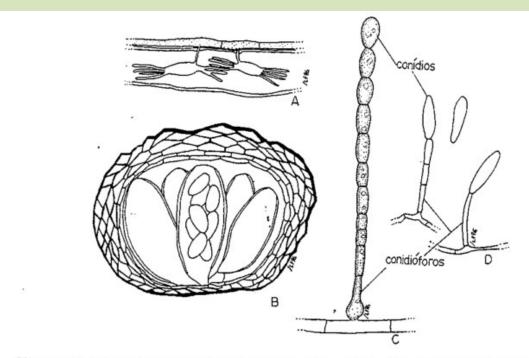


Figura 4.34 - Ordem Erysiphales: Erysiphe graminis (A-C) ; (A) haustório no interior da célula do hospedeiro; (B) ascoma; (C) Oidium (fase anamórfica); (D) Ovulariopsis - forma anamórfica de Phyllactinia.

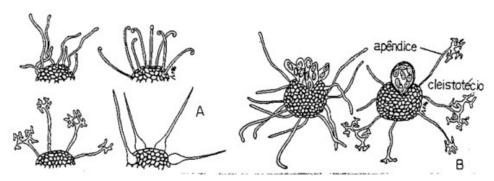


Figura 4.35 - Ordem Erysiphales. Características taxonômicas: (A) tipos de apêndice; (B) diferentes números de ascos dentro do cleistotécio.

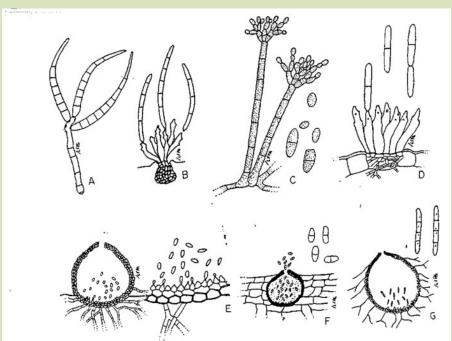


Figura 4.31 - Ordem Dothideales. Formas anamórficas de Mycosphaerella: Hyphomycetes (A-D) e Coclomycetes (E-G). (A) Cercospora; (B) Cercosporella; (C) Cladosporium; (D) Ramularia; (E) Phoma; Ascochyta; (G) Septoria.

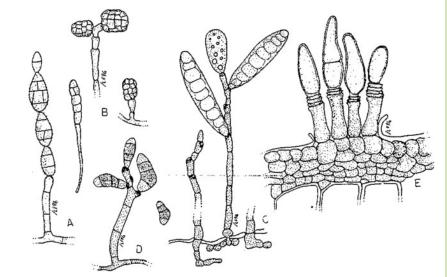


Figura 4.32 - Ordem Dothideales. Formas anamórficas de *Pleospora* (A-B), *Cochliobolus* (C-D) e *Venturia* (E): (A) *Alternaria*; (B) *Stemphylium*; (C) *Bipolaris*; (D) *Curvularia*; (E) *Spilocaea pomi*.



Figura 4.24 - Ordem Hypocreales. (A) ascos e ascósporos de Nectria. Formas anamórficas dos gêneros Nectria (B-D), Calonectria (E) e Hypocrea (F): (B) Fusarium; (C) Verticillium; (D) Tubercularia; (E) Cylindrocladium; (F) Trichoderma.

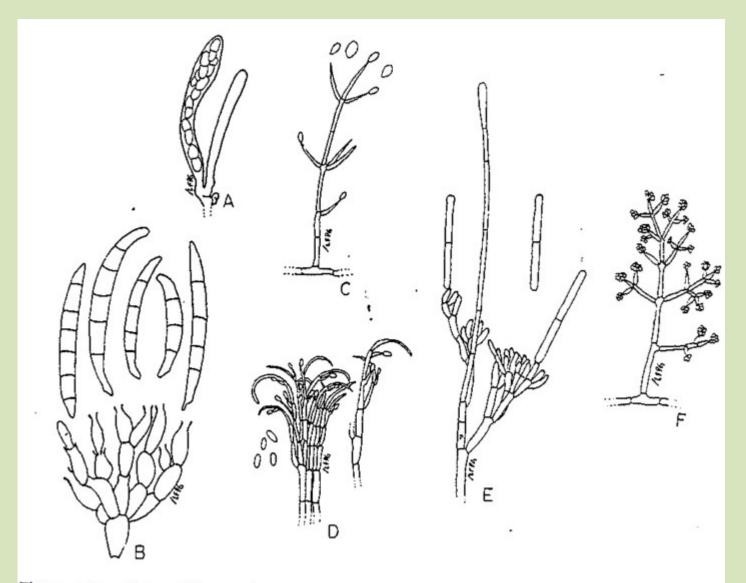


Figura 4.24 - Ordem Hypocreales. (A) ascos e ascósporos de Nectria. Formas anamórficas dos gêneros Nectria (B-D), Calonectria (E) e Hypocrea (F): (B) Fusarium; (C) Verticillium; (D) Tubercularia; (E) Cylindrocladium; (F) Trichoderma.

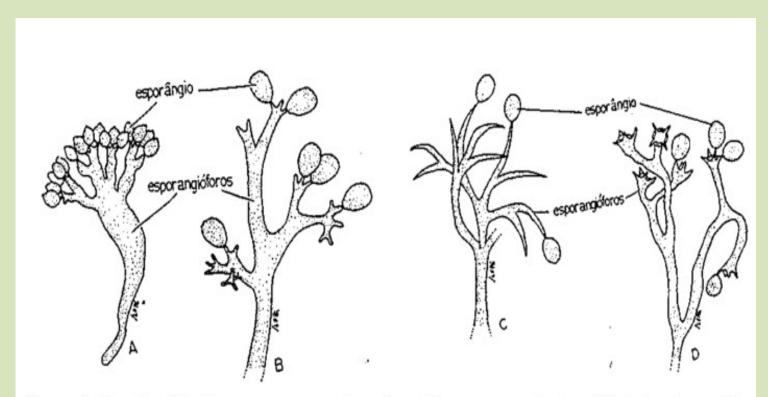


Figura 4.15 - Família Peronosporaceae. Esporangióforos e esporangios: (A) Sclerospora; (B) Plasmopara; (C) Peronospora; (D) Bremia.

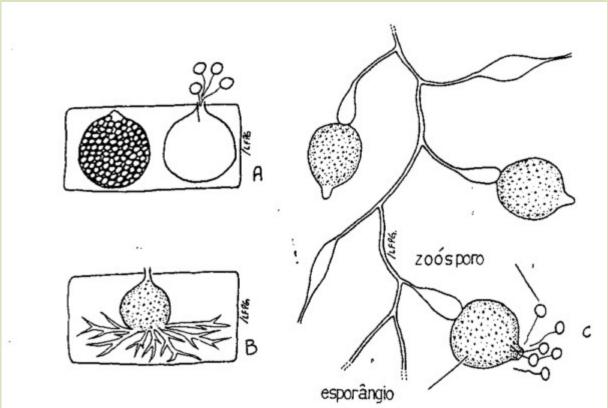
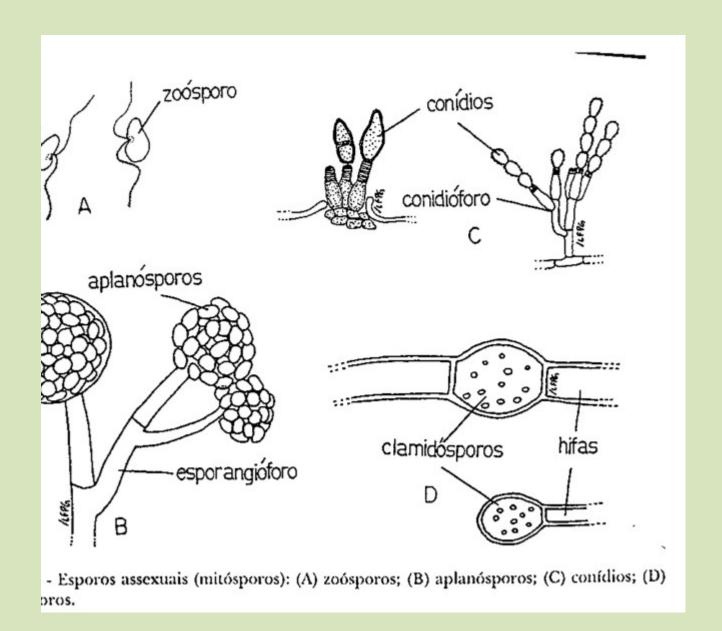


Figura 4.11 - Classe Chytridiomycetes. Diferentes tipos de talo: (A) holocárpico; (B) eucárpico monocêntrico; (C) eucárpico policêntrico.



Fonte: Manual de Fitopatologia, 1995

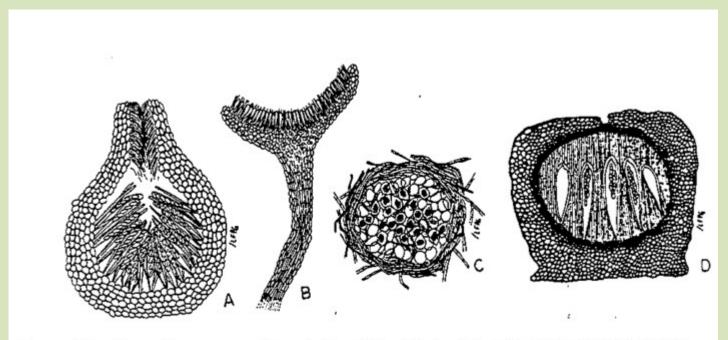


Figura 4.7 - Tipos de ascomas: (A) peritécio; (B) apotécio; (C) cleistotécio; (D) ascostroma (pseudotécio peritecióide).

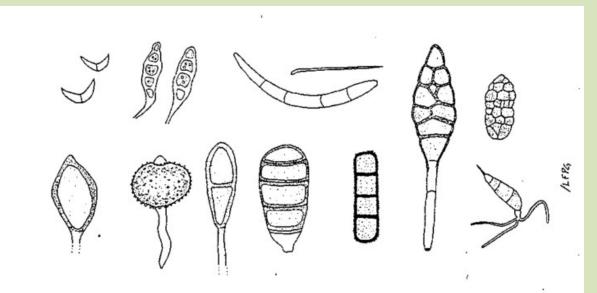


Figura 4.4 - Estruturas reprodutivas: diferentes características morfológicas de esporos.

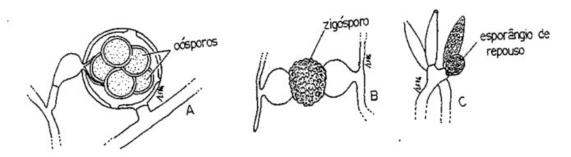
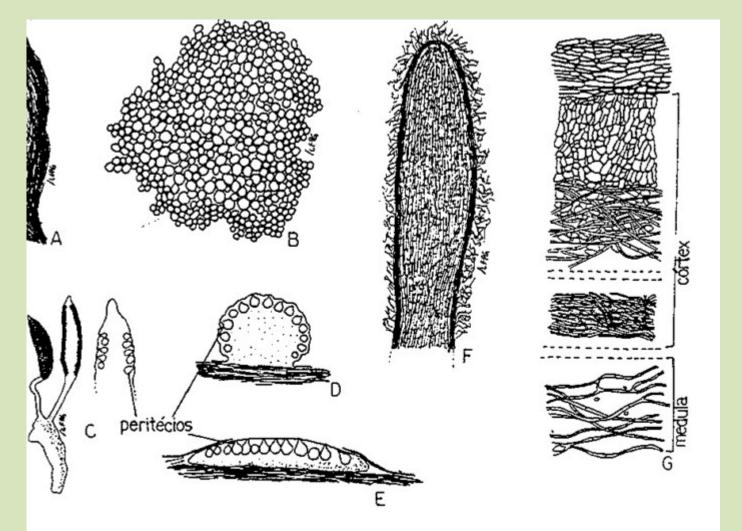
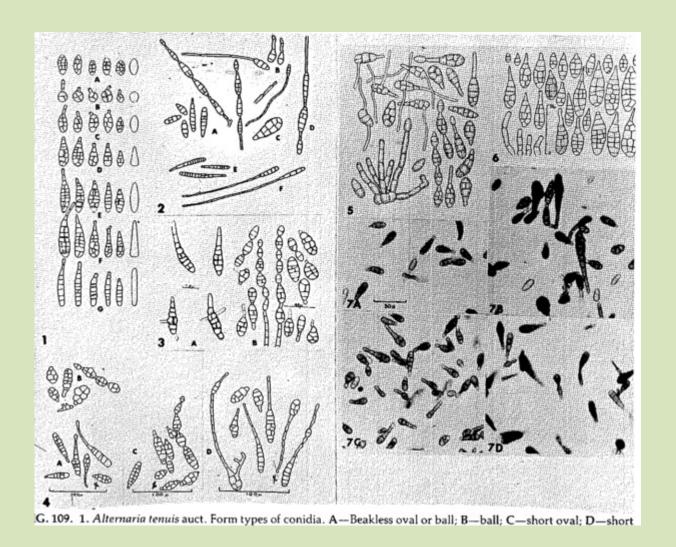


Figura 4.5 - Estruturas de resistência diplóides: (A) oósporos; (B) zigósporos; (C) esporângio de repouso.

4.2.2 Estruturas reprodutivas



- Estruturas formadas por hifas agregadas: (A) escleródio; (B) corte transversal do (C-E) cortes longitudinais de estromas; (F) corte longitudinal de rizomorfo; (C) corte longitudinal de rizomorfo.



Fonte: Lucas, G.B. 1975.

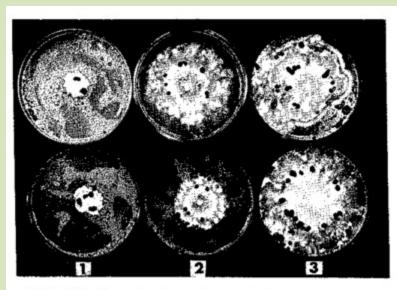


FIG. 136. Growth of 3 isolates of Sclerotinia sclerotiorum on Richards' solution agar at pH 2.0. Note the difference in colony diam and number of sclerotia. (Courtesy E. K. Vaughan)

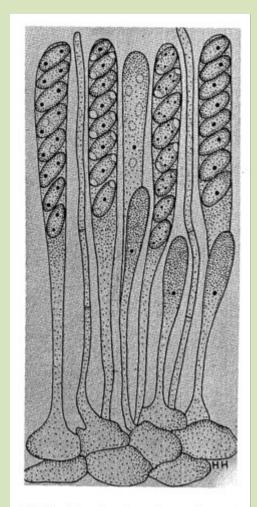


FIG. 135. Asci and paraphyses from apothecium of Sclerotinia sclerotiorum. (Drawing by H. Hirschmann after Gilbert and Bennett)

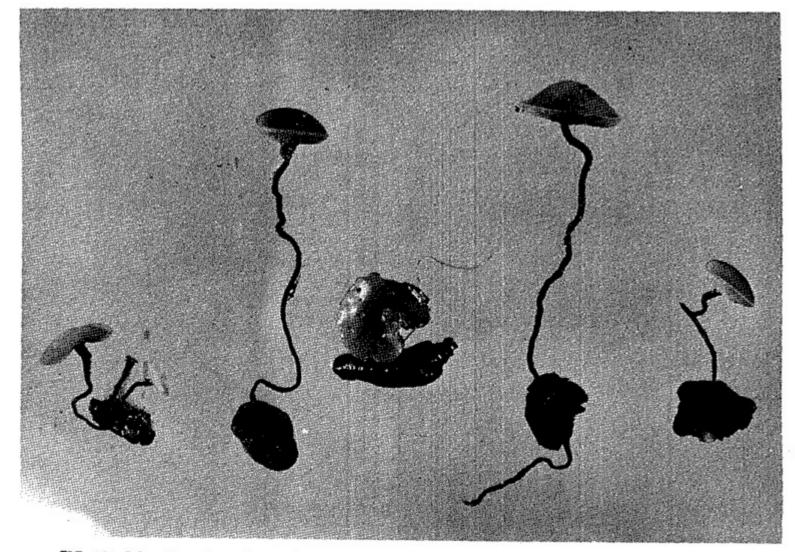


FIG. 134 Sclerotia and apothecia of Sclerotinia sclerotiorum. (Courtesy D. E. Ellis)

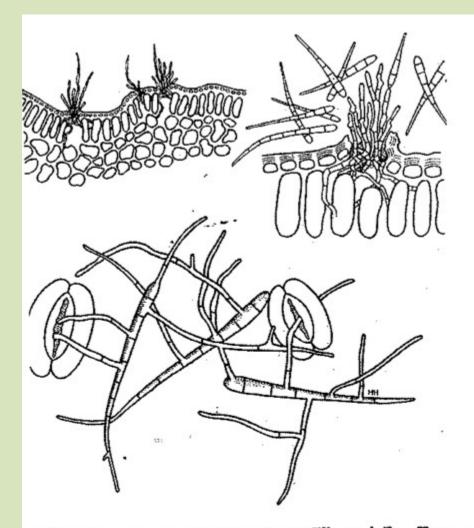


FIG. 123. Cercospora nicotianae Ell. and Ev. Top—cross sections of upper surface of tobacco leaf showing the fungous threads bursting through in 3 places and producing spores on their tips. Bottom—conidia germinating after remaining 30 hrs on the surface of a leaf floated in water. The germ tubes are seen penetrating through the stomata. (Drawing by H. Hirschmann after Sturgis)

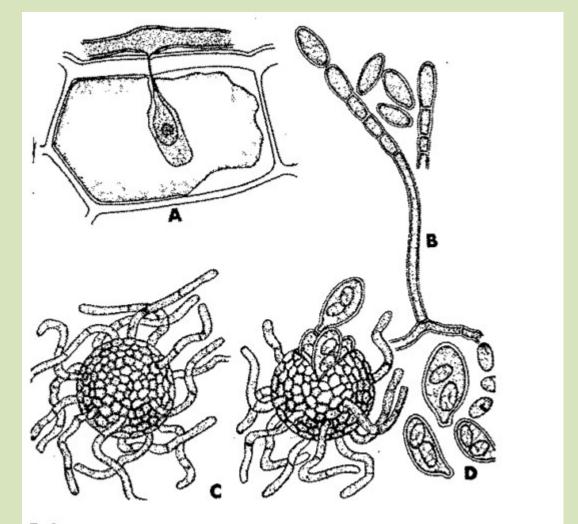


FIG. 119. Erysiphe cichoracearum DC. A—haustorium in epidermal cell; B—conidiophore and conidia; C—perithecia; D—asci and ascospores. (Drawing by A. Husain after Smith and Salmon)

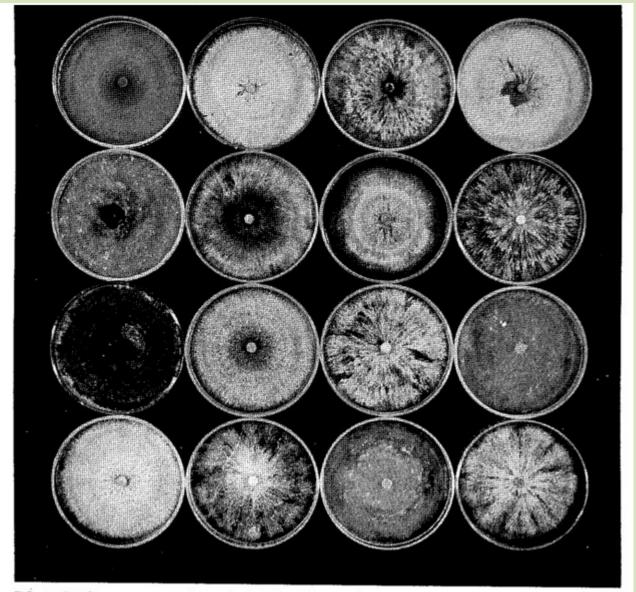


FIG. 68. Basidiospore progeny of a synthesized heterokaryon obtained by pairing 2 field isolates of *Rhizoctonia* solani. Note the great diversity in cultural characteristics on potato-marmite-dextrose agar. (Courtesy E. E. Butler)

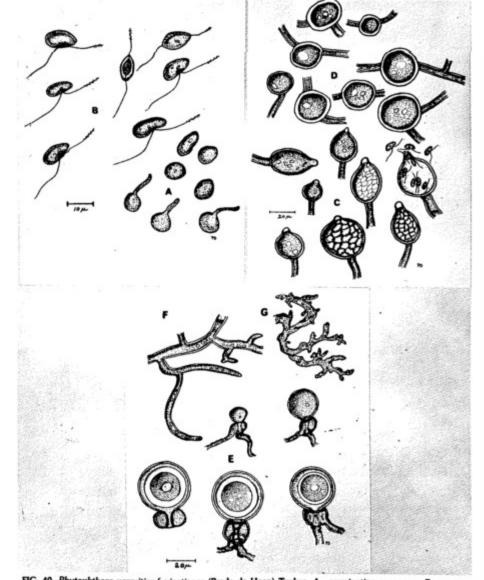


FIG. 40. Phytophthora parasitica f nicotianae (Breda de Haan) Tucker. A—germinating zoospores; B—zoospores with flagellae; C—developing sporangia; D—Chlamydospores; E—oogonia with antheridia and oospores; F and G—mycelium. (Courtesy P. D. Dukes)

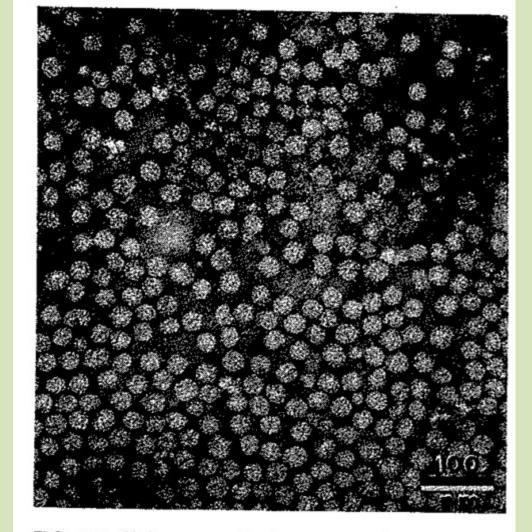


FIG. 240. Tobacco streak virus negatively stained with potassium phosphotungstate. (Courtesy R. W. Fulton)

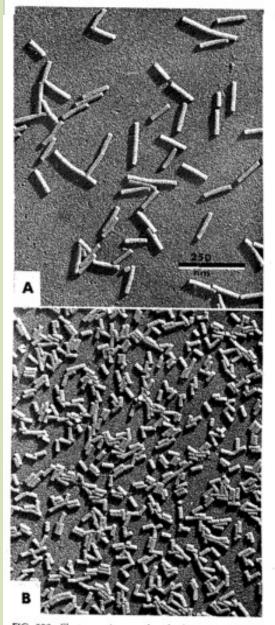


FIG. 229. Electron micrographs of tobacco rattle virus particles after 2 density-gradient centrifugations from: A—the bottom opalescent zone (X56,000), and B—the top opalescent zone (X56,000). (Courtesy H. L. Nixon)

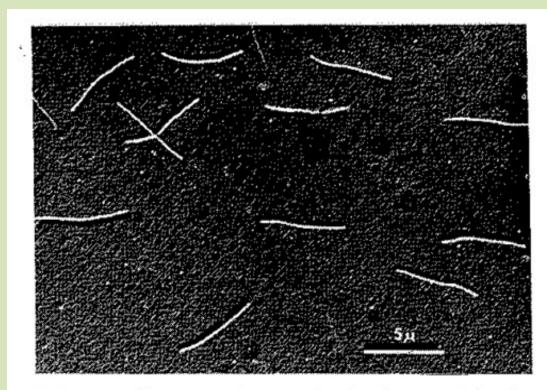


FIG. 211. Electron micrograph of tobacco etch virus particles. (Courtesy M. K. Corbett)

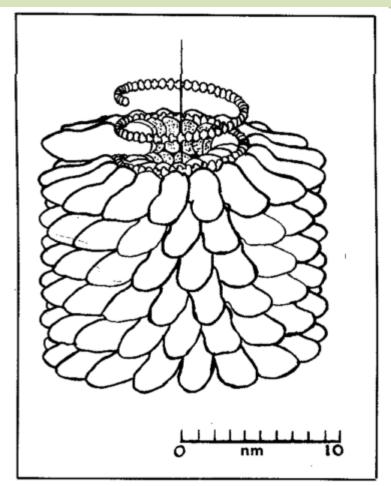


FIG. 183. Model of a portion (about 1/20th of the tobacco mosaic virus particle. The protein subunits are schematically illustrated in a helical array about the long axis of the particle. The structure repeats after 6.9 nm in the axial direction, and the repeat contains 49 subunits distributed over 3 turns of the helix of 2.3 nm pitch. Some of the subunits have been removed to show the globular strand of ribonucleic acid within the coil of the protein helix. (Courtesy Academic Press, Inc.)

Fonte: Lucas, G.B. 1975.

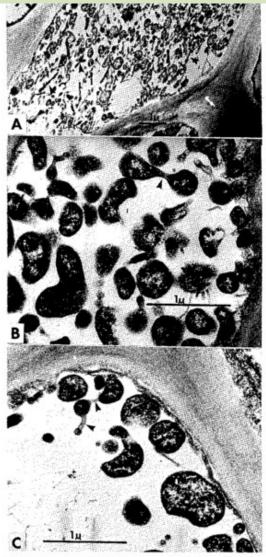


FIG. 177. A—Section of sieve element from chlorotic leaf of aster yellows diseased tobacco plant showing presence of irregular elongated forms (arrows) intermixed with other pleomorphic forms. B—Structure indicative of binary fission of a mycoplasmalike organism. C—Structure resembling filamentous growth of mycoplasmalike organism. Spherical bodies appear connected by thin filaments (arrows). (Courtesy J. F. Worley)

Fonte: Lucas, G.B. 1975.

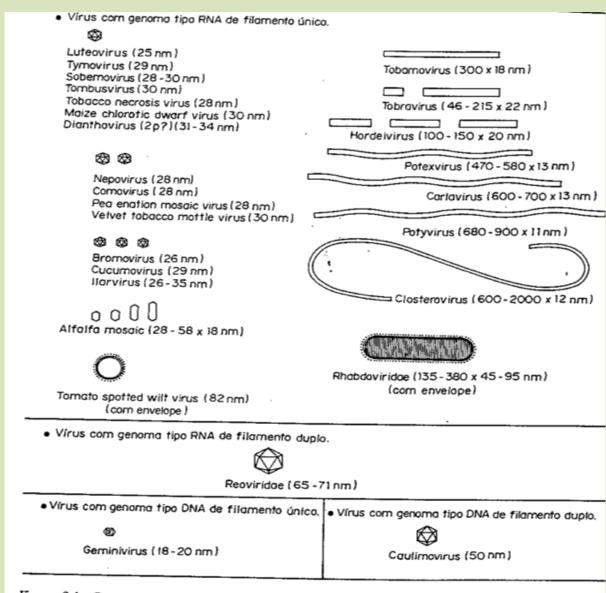
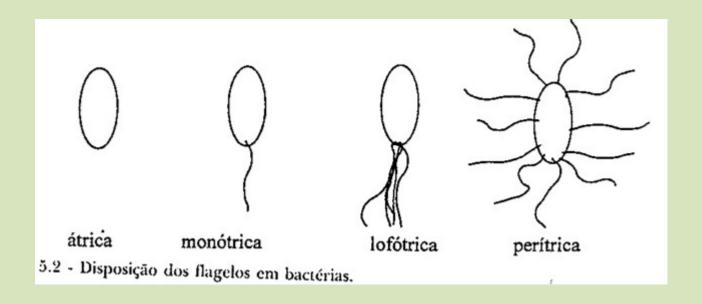


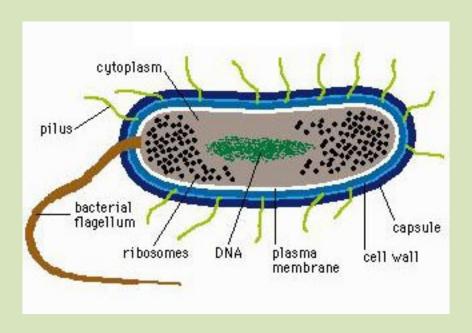
Figura 6.1 - Grupos e famílias de vírus de plantas, segundo o Comitê para Taxonomia de Vírus (Matthews, 1982).

Fonte: Manual de Fitopatologia, 1995



Fonte: Manual de Fitopatologia, 1995

Célula bacterina



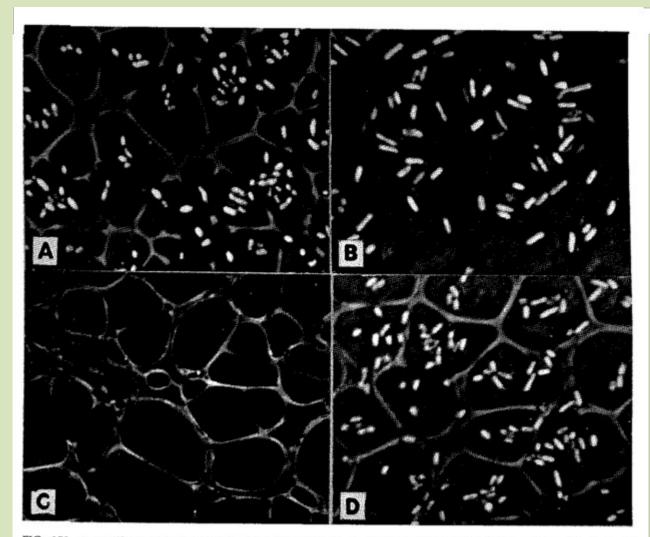
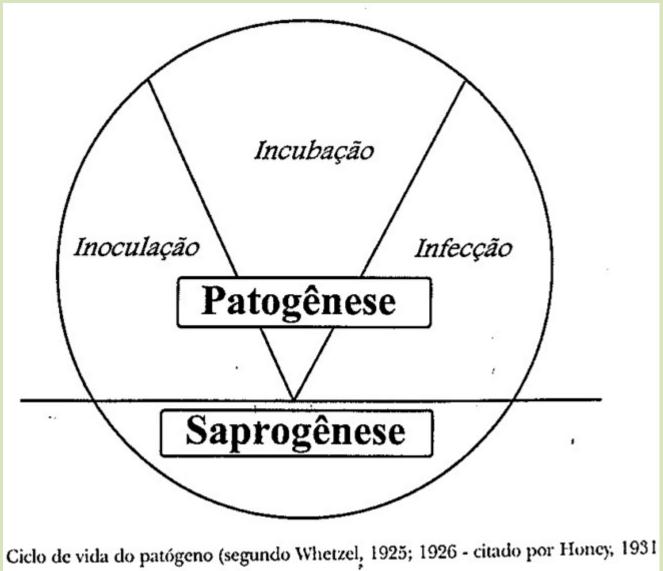


FIG. 151. A-D—Phase contrast photomicrographs (X2000). A—cells and slime of a highly pathogenic strain of *Pseudomonas solanacearum* prepared from culture on solid medium. B—Slime-free cells of a weakly pathogenic strain prepared from culture on a solid medium. C—Slime isolated from the culture filtrate of a highly pathogenic strain. D—cells and slime from the same strain from a diseased tobacco plant. (Courtesy A. Kelman)

Fonte: Lucas, G.B. 1975.

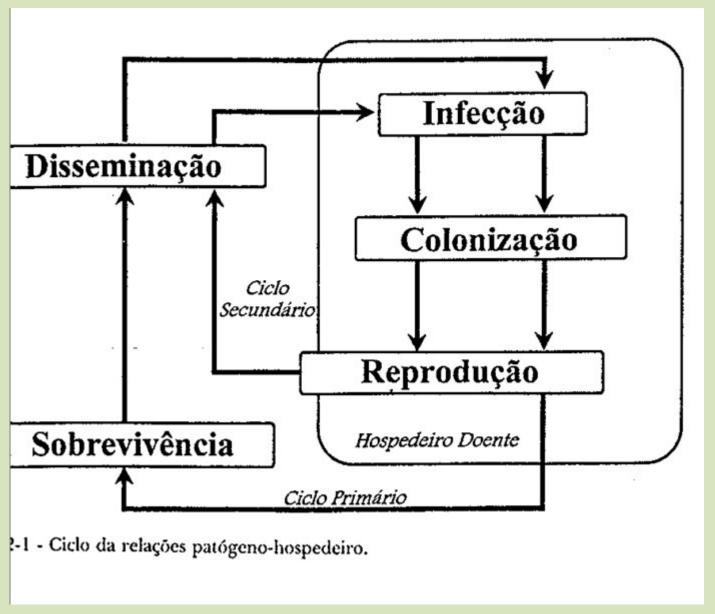
Doenças dependem:





, vida do patrigeno (segundo vinetas),

Fonte: Manual de Fitopatologia, 1995



Fonte: Manual de Fitopatologia, 1995

Métodos de Controle de Doenças de Plantas

Local de Ação	Princípios		Práticas
Patógeno	Exclusão*	Redução do Inóculo Inicial*	Cultural
	Erradicação*		
Hospedeiro	Terapia*		
	Resist. Vertical*		Resistência
	Resist. Horizontal**	Redução da Taxa de Infecção**	
	Proteção**		Química
Ambiente	Escape**		

Estádios Fenológicos da Videira

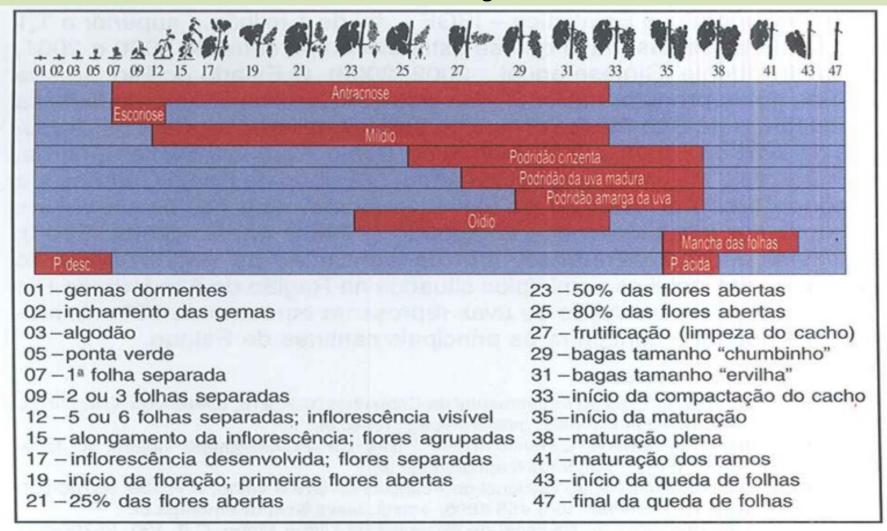
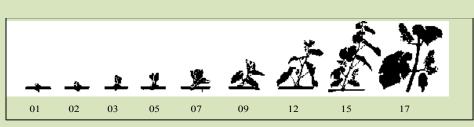


Figura 1. Estádios fenológicos da videira de acordo com Eichhorn & Lorenz e épocas de ocorrência das doenças (EPPO 1984; Sonego et al. 2002)

FONTE: GALLOTTI, et al. 2004





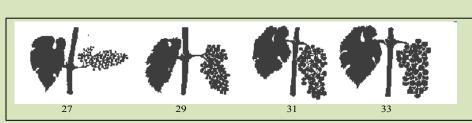




Figura 1: Estádios fenológicos da videira de acordo com Eichhorn & Lorenz

- 01 gemas dormentes
- 02 inchamento das gemas
- 03 algodão
- 05 ponta verde
- 07 1ª folha separada
- 09 2 ou 3 folhas separadas
- 12 5 ou 6 folhas separadas; inflorescência visíve
- 15 alongamento da inflorescência; flores agrupadas
- 17 inflorescência desenvolvida; flores separada
- 19 início do floração; primeiras flores abertas
- 21 25 % das flores abertas
- 23 50% das flores abertas
- 25 80% das flores abertas
- 27 frutificação (limpeza do cacho)
- 29 bagas tamanho "chumbinho"
- 31 bagas tamanho "ervilha"
- 33 início da compactação do cacho
- 35 início da maturação
- 38 maturação plena
- _ 41 – maturação dos ramos
- 43 início da queda de folhas
- 47 final da queda de folhas

3 - Doenças Fúngicas

3. 1 Antracnose – Elsinoe ampelina (de Bary) Shear [sin. E. viticola Raciboski, anamorfo Sphaceloma ampelinum de Bary (sin. Gloeosporium ampelophagum (Pass.) Sacc., Romularia ampelosphaga Pass.)]

Sinonimos: Varíola, varola, carvão, negrão e olho de passarinho.

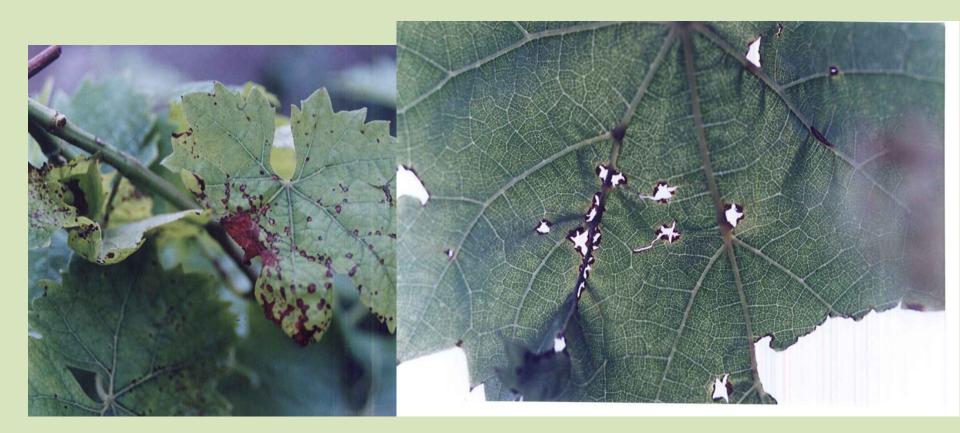
Sintomas: Em todas as partes verdes da planta, principalmente aquelas em desenvolvimento inicial (tecidos tenros).

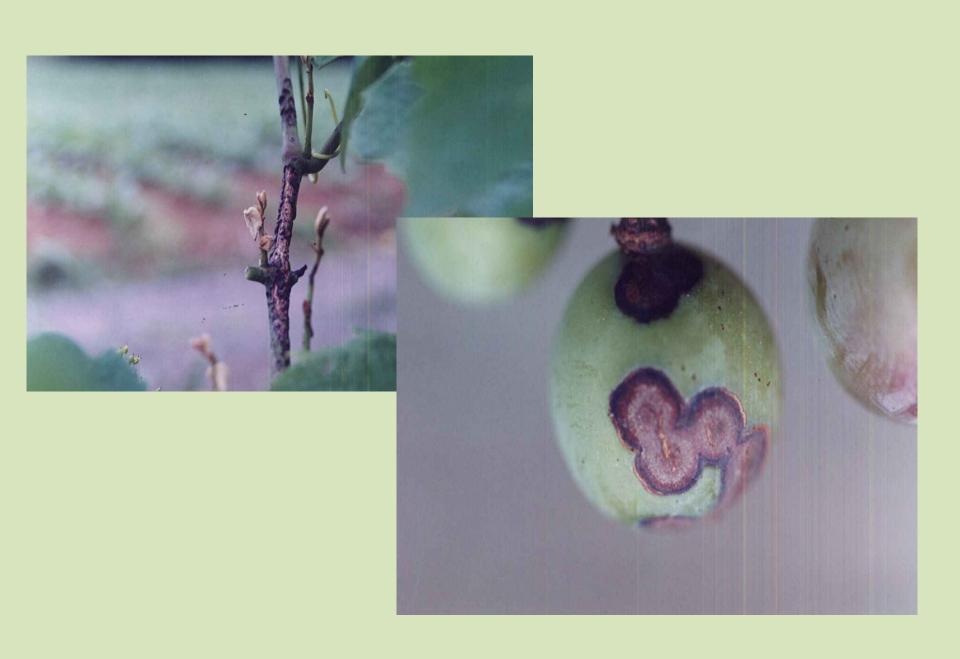
Início pontos cloróticos que evoluem para necrose. Lesões numerosas. Na extremidade dos ramos, quando atacada, pode ser totalmente destruída. Nos brotos mais desenvolvidos, principalmente na região basal, são observados cancros de contorno circular.

Nas inflorescências, os botões florais escurecem, secam e caem.

Nas bagas, a doença caracteriza-se pela incidência de manchas arredondadas; o tecido infestado torna-se mumificado e escuro, com os bordos mais claros.









Etiologia

Pode se desenvolver em ampla faixa de temperatura.

Ataques mais severos com temperaturas em torno de 10 a 15º C

Sempre relacionada a presença de umidade relativa alta

A forma perfeita do fungo ainda não foi detectada no Brasil

Controle:

Depois de seu estabelecimento a doença é de difícil controle. Eliminação de ramos com cancros e frutos mumificados, através da poda

Tratamento de inverno (4º Bé)

Evitar plantios em baixadas úmidas e/ou expostas a ventos frios Barreiras quebra ventos

Iniciar os tratamentos no início da brotação (estádio 05) até o estádio "chumbinho" – período crítico da doença. Após monitorar Utilizar, quando possível, variedades menos suscetíveis

3. 2 Míldio – Plasmopora viticola (Berk & Curtis) Berl. & Toni

Doença de grande importância, também conhecida como peronóspora, mufa ou mofo

Geralmente, as variedades européias (*Vitis vinifera* L.) são mais suscetíveis Entrou para a história por ser uma das primeiras doenças a serem controladas por fungicida (calda bordalesa)

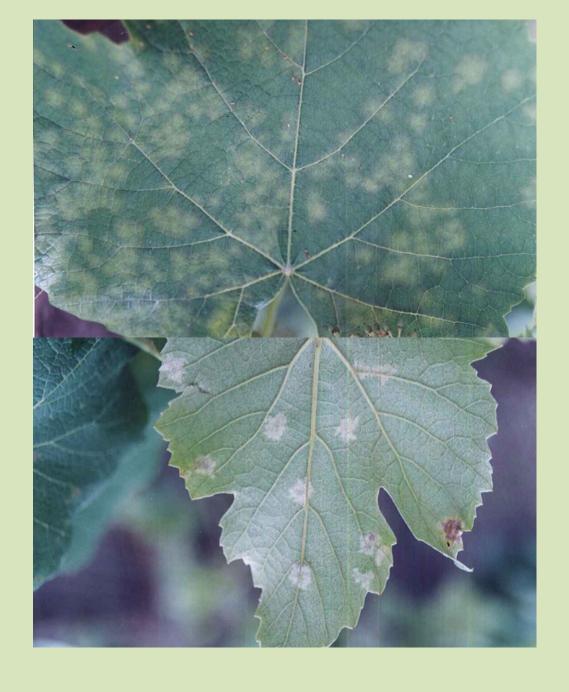
Sintomas: Afeta todas as partes em desenvolvimento da videira, desde a primavera até o outono.

Nas folhas, os sintomas iniciam com amarelo pálido (face superior); na face inferior correspondente aparece o crescimento do "fungo". As áreas da folha infectadas secam e tornam-se de coloração marrom.

Frequentemente as folhas morrem e caem.

Fase de floração e bagas pequenas, infecção ocorre pelos estômatos, aparece as frutificações do fungo e posteriormente o tecido afetado escurece e seca.

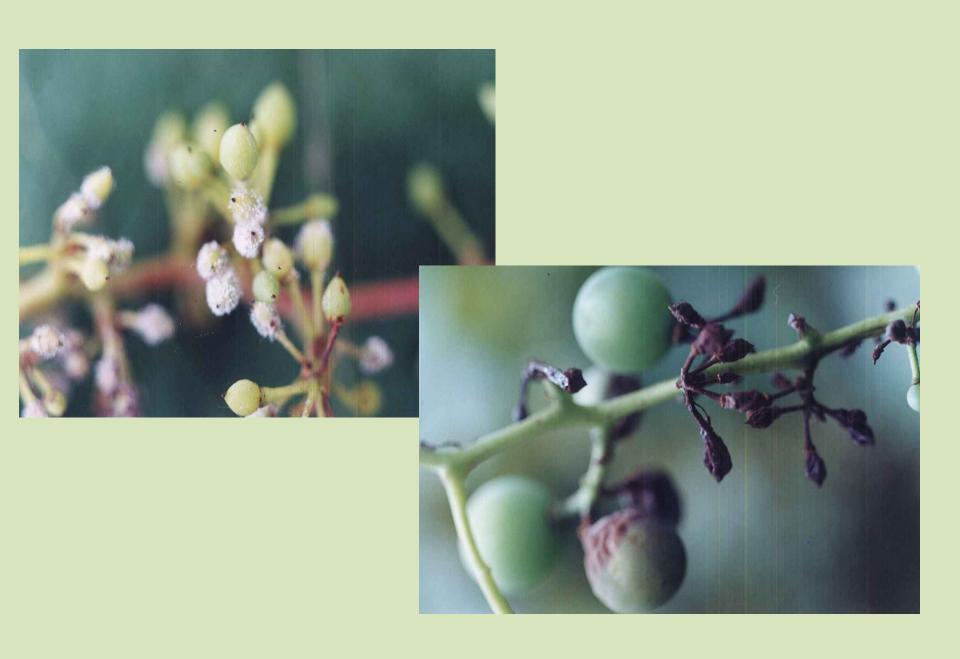
Nas bagas ao atingirem mais da metade do desenvolvimento pode aparecer a peronóspora larvada. Penetração através do pedicelo e posteriormente afeta as bagas, que ficam com coloração interna pardo-escura e se destacam facilmente.

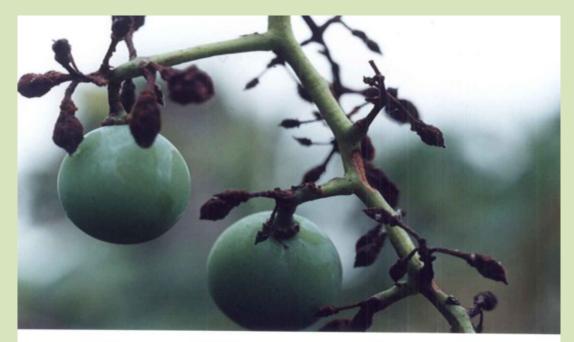














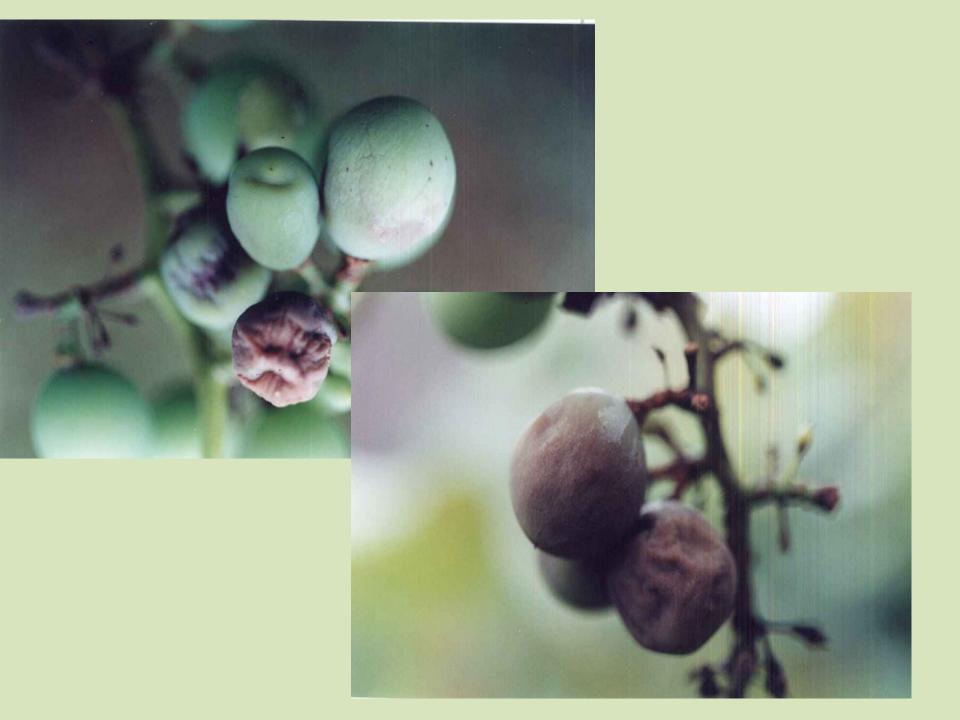




FIGURA 6 - Sintomas do míldio causando secamento dos cachos

Etiologia: Causada pelo pseudofungo, parasita obrigatório, Plasmopra vitícola.

- Temperatura ótima para o desenvolvimento deste patógeno é de 20 a 25ºC e umidade em torno de 95% a 100%, sendo necessário molhamento foliar (água livre) por um período mínimo de duas horas para haver novas infecções
- Durante o outono, no interior das folhas e muitas vezes no interior de ramos e bagas infectadas, formam-se estruturas de resistência denominadas oósporos (esporos sexuais). O micélio em ramos infectados também é outro meio de sobrevivência no inverno
- Oósporos, persistem durante o inverno no solo e no interior de folhas mortas. Esporângios zoósporos.
- Em condições favoráveis, uma nova "safra" de esporângios pode ser produzida a cada cinco a dezoito dias. (temperatura, umidade e suscetibilidade do hospedeiro)
- Folhas completamente desenvolvidas adquirem apreciável resistência

Controle: Baseado em épocas críticas

- Geralmente, iniciar os tratamentos no estádio 9 – duas a três folhas separadas do ramo e repetir sempre que houver condições favoráveis.

- No período crítico (inflorescência totalmente desenvolvida e as folhas separadas (estádio 17) até o estádio de bagas tamanho ervilha (estádio 31), são necessários maiores cuidados; preferencialmente usar fungicidas sistêmicos nesta fase.
- Cultivares com maior grau de resistência (Manejo integrado da doença)
- Tratamentos periódicos.
- Durante a floração, as pulverizações com cúpricos podem causar problemas de fitotoxicidade, portanto são desaconselháveis neste período.